

Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais

Dermeval da Hora*

Resumo

A lateral /l/, em posição de coda, tem assumido a mesma feição variável em diferentes falares de diferentes regiões. Nosso propósito é apresentar um estudo variável da lateral, na comunidade de João Pessoa, com base nos dados do Projeto “Variação Lingüística no Estado da Paraíba” (VALPB), sem perder de vista estudos já realizados no Brasil. Neste artigo, são apresentadas, à luz da proposta laboviana, as restrições sociais e estruturais que foram selecionadas pelo pacote de programas VARBRUL como sendo as mais significativas para a aplicação da regra de vocalização, que, acreditamos, é a mais geral, conforme demonstrado nos trabalhos aqui analisados.

Palavras-chave: Líquidas; Sociolingüística Quantitativa; Teoria da variação.

Os segmentos consonantais no Português Brasileiro (PB) são distribuídos de acordo com sua posição na estrutura silábica. Assim, seu número varia consideravelmente de acordo com o lugar que ocupa no interior da sílaba: CV, CCV e CVC. Dentre as consoantes de nossa língua, interessa-nos, aqui, a consoante /l/, que, em posição de coda, segundo já observado por Câmara Jr. (1977), pode ser preenchida por uma dessas quatro consoantes: “/S/, /N/, (/l/), /r/”. Nosso objeto de estudo será, pois, a lateral /l/.

Inúmeros trabalhos de cunho variacionista já realizados sobre a lateral na posição de coda (QUEDNAU, 1993; ESPIGA, 1997; TASCA, 1999; QUANDT, 2004; ANDRADE, 2004) apresentam resultados que ratificam seu caráter camaleônico, ou seja, de um elemento sonoro que ora se apresenta velarizado, ora vocalizado, ora apagado, mas nunca alveolar – que só se verifica quando /l/ ocupa o ataque da sílaba ou o segundo elemento de um ataque complexo.

* Universidade Federal da Paraíba/CNPq.

Nosso objetivo, neste artigo, é apresentar o comportamento variável da lateral /l/, em posição de coda, no dialeto pessoense, a partir do *corpus* do “Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba” (VALPB), também utilizado em Hora (2005). Uma de nossas hipóteses é que os resultados aqui obtidos venham ratificar o padrão nacional, prevalecendo a forma vocalizada em detrimento das demais. Outra hipótese é que o apagamento dessa lateral esteja condicionado pelo fator “anos de escolarização do falante” – restrição social – e pelo “contexto vocálico precedente” – restrição lingüística. Para atingirmos nosso objetivo e confirmarmos, ou não, nossas hipóteses, lançaremos mão dos princípios e pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 1966, 1972) e do pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988).

O artigo está assim estruturado: na seção 2, esboçamos algumas considerações sobre as consoantes líquidas e as laterais, com o intuito de trazer algumas informações que ajudarão na compreensão do estudo; na seção 3, revisitamos alguns trabalhos que trataram desse assunto no Brasil, enfatizando o processo de vocalização da lateral; na seção 4, analisamos os resultados relativos ao comportamento da lateral em posição de coda, no falar da cidade de João Pessoa; por fim, na seção 5, apresentamos as considerações finais.

SOBRE AS LÍQUIDAS E AS LATERAIS

O termo “líquida”, em Fonologia, foi importado da poesia e da filologia gregas. Usado no sentido de ‘instável’, segundo Allen (1973, p. 211), esse vocábulo servia para rotular as classes das laterais, dos róticos e das nasais, tendo sido transplantada para o latim sob a forma de *liquidus*, -a, -um. Considerando a diferença da estruturação silábica no latim e no grego, a palavra *liquidus* passou a se referir apenas às laterais (sons -l) e aos róticos (sons -r), denominações utilizadas com o advento da fonologia gerativa.

Laterais e róticos, de acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), podem ser reunidos num mesmo grupo, uma vez que compartilham de certas semelhanças fonéticas e fonológicas. Segundo esses autores, “foneticamente, elas estão entre as mais sonoras das consoantes orais”, sendo que “as líquidas constituem uma classe especial na fonotática de uma língua; por exemplo, os segmentos dessa classe são sempre aqueles que ocorrem nos grupos consonantais” (p. 182).

De acordo com o UCLA Phonological Segment Inventory Database (UPSID, 1992), as líquidas são muito comuns nas línguas do mundo. Prova disso é que 95.8% delas têm, pelo menos, uma lateral ou um rótico.

Dickey (1997) afirma o seguinte sobre o comportamento fonético das laterais:

Pode-se imaginar uma lateral bilabial, onde a constrição apenas ocorreu no centro dos lábios e o ar fluiu pelos lados da boca. Contudo, isto nunca foi observado ocorrer. As laterais são segmentos estritamente linguais. Um modo de articulação lateral se restringe apenas à ponta, à lâmina e ao corpo da língua. (p. 10)

Nas línguas do mundo inteiro, diz-nos essa autora, são cinco os pontos de articulação em que as laterais costumam ser produzidas: dental, alveolar, retroflexo, palatal e velar, sendo as laterais aproximantes as únicas que podem ser encontradas em todos os cinco pontos de articulação lateral. Quanto às laterais obstruintes, distribuem-se em quatro tipos, todas emitidas no ponto de articulação alveolar ou dental: um par de fricativas vozeadas e desvozeadas, e um par correspondente de africadas vozeadas e desvozeadas.

Embora a maior parte das laterais sejam coronais (99.2%), algumas podem se realizar como velares ou laterais complexas alveolar-velares.

Em se tratando, especificamente, do modo de articulação, a maioria das línguas do mundo (84.0%) tem, pelo menos, uma lateral, e 30.8% mais de uma. Segundo o UPSID, podemos separar as laterais em cinco tipos, em termos de modo articulatorio: (1) aproximantes: 72.5%; (2) fricativas: 11.3%; (3) africadas: 4.5%; (4) flaps: 3.4%; e (5) clicks: 4.2%.

Raramente, as consoantes laterais são as únicas soantes em uma língua. Num outro modo de distribuição, podemos separar as obstruintes das soantes, uma vez que as soantes são vozeadas por *default*. Segundo Maddieson (1984), as línguas apresentam soantes desvozeadas apenas quando têm, também, as vozeadas. Da mesma forma, as aproximantes laterais desvozeadas nunca ocorrem em uma língua sem uma aproximante lateral vozeada correspondente. Por outro lado, as fricativas laterais desvozeadas, assim como vários outros tipos de fricativas, podem ocorrer em uma língua desprovida, em seu sistema fonético-fonológico, da fricativa lateral vozeada correspondente.

Para uma melhor visualização dos diferentes tipos de laterais aqui referidos, reproduzimos, o Quadro 1 estabelecido por Dickey (1997).

Quadro 1. Tipos de consoantes laterais.

Ponto	Modo				
	Dental	Alveolar	Retroflexa	Palatal	Velar
Aproximantes	l	ɭ	ɭ	ʎ	ʟ
Fricativas		ɬ ɮ			
Africadas		tɬ dɮ			

Fonte: Dickey (1997, p. 11).

Conforme veremos na seção a seguir, o quadro de laterais do português brasileiro é bem mais reduzido do que este.

ESTUDOS SOBRE AS CONSOANTES LATERAIS
NO BRASIL: PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Os diferentes estudos realizados no Brasil sob a perspectiva variacionista reconhecem o comportamento diversificado das consoantes laterais. Vejamos, inicialmente, o quadro referente à Região Sul.

Sêcco (1977), com base em dados do falar pontagrossense, observa que a lateral velar, tanto em posição de coda silábica intravocabular como em posição final absoluta, é a que ocorre com mais frequência. Contudo, mostra-nos ela, existem outras variantes, como as de caráter semivocálico, palatal, alveolar, rótico, ou, então, um zero fonético. As variantes palatal e alveolar, por exemplo, ocorrem em junturas intervocabulares: mi[ʎ]ioitenta e mi[l]idez.

A partir de um *corpus* obtido de 28 informantes de quatro regiões representativas de diferentes grupos étnicos do Rio Grande do Sul, Quednau (1993) constata que o segmento lateral varia segundo a posição que ocupa na estrutura silábica. Na posição de coda, objeto específico de nosso estudo, a lateral varia entre dorsal [ɬ] e semivogal [w]. Para essa autora, os fatores que contribuem para a variação entre as duas espécies sonoras são, numa escala hierárquica descendente, os seguintes: grupo étnico, acento, posição da lateral, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e sexo.

Segundo Quednau (1993), a passagem de [ɬ] para [w] pode ser definida em termos de regra telescópica, entendendo-se, nos termos de Hyman (1975), citado por Costa (2003), como perda de um estágio intermediário na derivação fonológica entre segmentos.

Em estudo acerca da influência do espanhol sobre o português utilizado na região do Chuí, Espiga (1997) chega aos mesmos resultados de Quednau (1993), que revelam uma variação entre [ɬ] e [w], com predomínio de uso da primeira. Estendendo sua análise aos dados obtidos na região de Santa Vitória do Palmar, Espiga (2002) se depara com um quadro de ocorrência de todos os estágios da regra telescópica relativa à consoante lateral, com predominância de emprego da variante alveolar:

Ao pesquisar a variação da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços dos Campos Neutrais, detectou-se que o estágio primitivo da regra telescópica [...] está presente em dialetos brasileiros de fronteira, por influência do contato com o Espanhol, onde tal alofone predomina. Na região dos Campos Neutrais, o dialeto da comunidade do Chuí, situada junto à linha de fronteira do Brasil com o Uruguai, apresentou para a variante alveolar, índices maiores do que os registrados no dialeto de Santa Vitória do Palmar, mais distante daquela divisa. [...] A pesquisa ensejou, ainda, propor que um alofone coronal velarizado e labializado (forma [l^w]) esteja presente no sistema, a ser posicionado, na regra telescópica, como estágio intermediário entre o segundo e o

terceiro estágio da regra, isto é, entre o alofone velarizado (forma [ɫ]) e a semivogal (forma [w]). (p. 50)

Ainda no âmbito da Região Sul, temos o trabalho de Tasca (1999), que, a partir de dados coletados nas cidades de Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja, conclui que, exceto em Porto Alegre, onde a vocalização da lateral já está em andamento, nas demais localidades a preservação da lateral é um fenômeno generalizado, embora apresente variação entre a velar e a alveolar.

Com base nos resultados obtidos por Quednau (1993), Espiga (2002) e Tasca (1999), essa mesma autora conclui que:

... foi-nos possível verificar, de modo mais consistente, a presença de uma regra telescópica que a história registra e que se desenvolve nas seguintes etapas:

etapa 1 – a lateral alveolar [l] figura em qualquer posição;

etapa 2 – na coda, o alofone alveolar [l] é substituído pelo alofone velar [ɫ];

etapa 3 – na coda, a variante velar [ɫ] é substituída pela variante velarizada-labializada [ɫ^w];

etapa 4 – na coda, a forma velarizada-labializada [ɫ^w] é substituída pelo glide posterior [w].

Em qualquer fase, a variação, como sinal de mudança, pode estar presente. (TASCA, 2002, p. 297)

Até aqui, apresentamos trabalhos sobre a variação da lateral em falares de comunidades do Sul do Brasil. Passemos, agora, a estudos que nos revelem a situação vigente nos estados do Rio de Janeiro e na Bahia, acerca desse mesmo fato e sob a mesma perspectiva variacionista.

Callou, Leite e Moraes (1998), por exemplo, apoiados em dados do Projeto NURC, concluem que o processo de vocalização da lateral parece ter tido início entre os séculos VI e VII d.C., sendo verificado, ainda hoje, no português, em contextos diversificados. Confrontando os dados obtidos na década de 1970 e de 1990, essas autoras concluem que os resultados concernentes à vocalização da lateral /l/, nas áreas então investigadas, permanecem quase que inalterados, o que caracteriza uma mudança já efetivada.

Quandt (2004), analisando o comportamento da lateral em posição de coda, na fala de treze comunidades pesqueiras do Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, constata que a vocalização é a variante mais produtiva, embora outras variantes também sejam encontradas: zero fonético [Ø], tepe [r], retroflexa [ɽ], lateral velarizada [ɫ], rótico aspirado [h] e lateral alveolar [l]

Quanto ao Estado da Bahia, lembremos, aqui, o trabalho de Teixeira (1995), que, utilizando dados da comunidade de Monte Santo (BA) e avaliando a ocorrência da lateral no interior e no final de palavra, constata a existência das variantes [ɫ], [w] e [Ø]. Segundo os resultados obtidos, os falantes mais jovens estão

priorizando o uso da variante vocalizada [w] em detrimento da forma velarizada [ɬ] e do zero fonético.

Vistas, pois, acima, algumas das análises de linha variacionista acerca do estatuto da consoante lateral no português falado em certas regiões do Brasil, consideremos, a seguir, os estudos que nos mostram a situação vigente em outras línguas.

A SITUAÇÃO DA LATERAL /L/ EM OUTRAS LÍNGUAS

Observando, de início, uma vez mais, o Quadro 1, exposto anteriormente, chama-nos a atenção o fato de que nele não se registram todas as possibilidades de variação da lateral, mas apenas aquelas que se realizam como lateral propriamente dita.

Num primeiro momento, isso nos leva a supor que a vocalização da lateral é um processo peculiar ao português do Brasil – o que não é verdade. Em seu estudo sobre as laterais, a própria Dickey (1997, p. 37-38) apresenta evidências comprobatórias da ocorrência de tal fenômeno em outras línguas do mundo.

Segundo a autora, no polonês, por exemplo, tanto em fases pretéritas como atualmente, é muito comum encontrar “laterais tornando-se vogais posteriores e [w]” (p. 37-38). Embora em inúmeras línguas, “muitos casos de vocalização da lateral ocorram na posição de coda, sempre que a lateral é velarizada nessa posição” (p. 37-38), no polonês, a lateral não é velarizada, mas, sim, vocalizada em todas as posições da sílaba.

Do mesmo modo, no catalão, segundo Alcover e Moll (1968), citados por Dickey (1997), houve uma mudança da coda [l] da modalidade *standard*, para a coda [u,] no dialeto balear. Esse mesmo tipo de mudança se deu em outras línguas românicas, dentre as quais, o francês antigo do norte e do sudeste da França.

Na sincronia presente, afirma-nos Johnstone (1975), citado por Dickey (1977, p. 38), “encontramos alternâncias entre [l] ~ [w] em mehri (língua Semítica do sul da Arábia)”. Para esse autor, um [l] subjacente na raiz se superficializa como [w], quando se encontra em posição de coda.

Dickey (1997), procurando uma explicação fonológica para essa alteração, afirma que tanto o catalão balear como o mehri exibem simplificação da coda. No catalão, o processo é histórico, visto que o nó coronal de todas as laterais se perdeu na posição de coda. Sincronicamente, entretanto, nos diz essa autora, “não vemos evidência de alternâncias entre [l] e [w]. Contudo, em mehri, há clara evidência de uma simplificação da coda. O nó coronal da lateral se perde nessa posição, deixando apenas o nó dorsal. Este segmento dorsal, então, é superficializado como [w]” (p. 39).

Confirmada a ocorrência da vocalização em outras línguas, e testemunhada a mesma alteração no Brasil, podemos concluir que tal processo não é recente em nossa língua. Isso serve para confirmar a observação de Demasi (1995, p. 116), de que a vocalização da lateral é um processo muito antigo, já registrado no período latino e em diferentes períodos da história de muitas línguas românicas †o que vem confirmar as conclusões apresentadas em inúmeros trabalhos realizados sob outra perspectiva que não a variacionista, dentre os quais, os dos seguintes autores: Marroquim (1934); Teixeira (1938); Nascentes (1953); Silva Neto (1970); Lausberg (1974); Nunes (1975); Amaral (1976), Coutinho (1976), entre outros.

O COMPORTAMENTO DA LATERAL /l/ NA CIDADE DE JOÃO PESSOA¹

Do conjunto de dados coletados do VALPB (“Projeto de Variação Lingüística no Estado da Paraíba”), foram detectadas 3.703 ocorrências da lateral em posição de coda, cuja realização se distribui nas seguintes variantes:

- a) 3.109 casos de vocalização [w];
- b) 583 casos de zero fonético [Ø];
- c) oito casos de aspiração [h], e
- d) três casos de velarização [ɫ], tanto em final de palavra – exemplos de (2a) –, como no interior de palavra, – exemplos de (2b).

Considerando o baixo índice de ocorrência das variantes aspiradas e velarizadas, por questões operacionais, optamos por uma análise binária, que leva em conta as variantes mais freqüentes: a vocalização e o zero fonético.

<p>(2a)</p> <p>jorna[w] ~ jorna[ɫ] ~ jorna[Ø]</p> <p>pape[w] ~ pape[ɫ] ~ pape[Ø]</p> <p>ani[w] ~ ani[ɫ] ~ ani[Ø]</p> <p>azu[ɫ] ~ azu[Ø]</p> <p>anzo[w] ~ anzo[ɫ], anzo[Ø]</p>	<p>(2b)</p> <p>sa[w]do ~ sa[ɫ]do ~ sa[h]do</p> <p>fi[w]me ~ fi[ɫ]me ~ fi[h]me</p> <p>cu[w]to ~ cu [ɫ]to ~ cu[h]to ~ cu[Ø]to</p> <p>so[w]vente ~ so[ɫ]vente ~ so[h]vente</p>
---	---

A partir do conjunto dos exemplos apresentados, constatamos que a variante aspirada [h] ocorre no interior de palavra e o zero fonético ([Ø]), principalmente, no final de palavra. Entretanto, como veremos adiante, outros contextos, além da posição, favorecem a ocorrência dessa última variante, zero fonético.

¹ O levantamento dos dados sobre a lateral, sua codificação e armazenamento foram executados pelo bolsista de Iniciação Científica (CNPq) Elton Jons Barbosa Andrade (2003).

No Quadro 2, procuramos mostrar a distribuição das variantes da lateral /l/, em posição de coda, no falar da comunidade de João Pessoa.

Quadro 2. Distribuição das variantes da lateral /l/ em Posição de coda, na cidade de João Pessoa.

Variantes	Posição	Exemplos
[w]	Interior de palavra Final de palavra	pa[w]co jorna[w]
[Ø]	Interior de palavra Final de palavra	cu[Ø]pa pape[Ø],azu[Ø]
[h]	Interior de palavra	pa[h]co
[ʎ]	Interior de palavra Final de palavra	pa[ʎ]co jorna[ʎ]

Na análise dos dados, levamos em conta tanto as restrições de caráter social (externas) – sexo, faixa etária e anos de escolaridade –, como as de caráter estrutural (internas) – contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, extensão do vocábulo e a sua tonicidade. Hierarquicamente, o VARBRUL selecionou como significativas as seguintes restrições:

- 1^a) contexto fonológico precedente;
- 2^a) tempo de escolarização;
- 3^a) a tonicidade;
- 4^a) a faixa etária;
- 5^a) a extensão do vocábulo; e
- 6^a) o sexo.

Foram, pois, considerados irrelevantes o contexto fonológico seguinte e a categoria social.

Nas subseções a seguir, trataremos, num primeiro momento, das restrições sociais e, num segundo, das estruturais, sem considerar a hierarquia estabelecida pelo VARBRUL, mas apenas o fato de elas terem sido selecionadas por esse Programa.

O fator “sexo”

Em inúmeros estudos realizados no campo da sociolinguística, o sexo tem sido um dos fatores sociais que se apresenta como um dos mais importantes.

Se considerarmos que a vocalização da lateral representa um processo inovador no português do Brasil, ignorando, pois, o registro de sua presença em sincronias passadas, poderemos concluir, com base nos resultados apresentados na Tabela 1, que a mulher está inovando mais do que o homem. O índice de vocali-

zação por parte do grupo feminino é de .53, ao passo que o dos homens é de .47, o que significa que estes a inibem.

Tabela 1. Atuação do fator “sexo”.

Sexo	APL./Total	%	Peso relativo
Masculino	1.674/2.005	83	.47
Feminino	1.435/1.687	85	.53

Em face dos dados exibidos na Tabela 1, constatamos que a nossa conclusão inicial deve ser revista, uma vez que a proximidade do ponto neutro (.50), nos impede de fazer qualquer afirmação categórica. Assim, na verdade, há uma oscilação entre homens e mulheres – o que pode se dever ao estatuto adquirido pela mulher na sociedade moderna. Embora tenhamos usado o rótulo “sexo” para designar essa restrição, temos consciência de que estamos analisando o ser humano, que pode ser avaliado muito mais em termos de gênero do que de sexo propriamente dito. Esse último é definido biologicamente, enquanto o gênero é definido sociologicamente. Todavia, independentemente da escolha terminológica, o fato é que o falante é o resultado de uma conjugação de características que se acumulam com o tempo e que o moldam a partir dos valores estabelecidos em sua comunidade.

Em síntese, no que tange ao quesito “sexo”/“gênero”, a proximidade numérica entre os resultados obtidos nesta pesquisa servem para demonstrar que, independentemente de seu sexo, os falantes de João Pessoa estão se comportando de forma similar na vocalização da lateral.

O fator “faixa etária”

Em se tratando do fator faixa etária, os resultados – expostos na Tabela 2 –, demonstram que falantes entre 15 e 49 anos favorecem o uso da forma vocalizada, com pesos relativos muito próximos entre as duas faixas etárias.

Tabela 2. Atuação do fator “faixa etária”.

Faixa etária	APL./Total	%	Peso relativo
+ de 49 anos	939/1.213	77	.37
De 15 a 25 anos	1.002/1.561	87	.55
De 26 a 49anos	168/1.323	88	.58

De início, tal resultado nos leva a intuir que estamos diante de um claro processo de mudança em progresso. Isso porque os falantes acima de 49 anos, os mais idosos, inibem a forma vocalizada. Sabemos, porém, que, num estudo em

que levamos em conta o tempo aparente, não podemos utilizar apenas uma restrição social para fazermos uma afirmação conclusiva.

De acordo com Bayley (2002, p. 314), diante dos bons resultados obtidos por Labov (1972), muitos lingüistas, ao incluírem a categoria “tempo aparente” para explorar os mecanismos de mudança lingüística, passaram a usar esse construto em inúmeras situações, fazendo inferências acerca do processo de mudança lingüística. Entretanto, observa o autor, os dados de tempo aparente servem, apenas, para evidenciar o quadro vigente do tempo real. Os dados de tempo aparente não podem ser usados como representantes do percurso evolutivo das línguas. Pelo menos três situações constituem problemas potenciais para o seu uso: a generalidade do tempo aparente, a estabilidade do uso vernacular e a ocorrência dos traços de gradação etária.

O fator “escolarização”

Em se tratando do fator anos de escolarização como uma das restrições sociais, a literatura sociolingüística assegura que falantes com mais anos de escolarização selecionam a variante padrão, que representa a norma culta, enquanto os com menos anos de escolarização selecionam a não-padrão.

Ao considerarmos a consoante lateral e suas variantes, temos a seguinte situação:

- a) a forma vocalizada, por ser a mais freqüente entre escolarizados e não-escolarizados, representa a norma;
- b) o zero fonético é estigmatizado em alguns contextos (3a), mas aceito em outros (3b);
- c) a alveolar velarizada é a menos freqüente das três, e seu uso está muito mais associado às diferenças etárias e regionais do que aos anos de escolarização.

(3a)	(3b)
jorna[Ø]	azu[Ø]
pape[Ø]	descu[Ø]pa
anz[Ø]	mu[Ø]tidão

Os resultados transcritos na Tabela 3, demonstram que os falantes com mais anos de escolarização favorecem a forma vocalizada (.63), ao contrário dos anal-fabetos (.22). Isso nos leva a concluir que existe uma relação direta entre maior tempo de escolarização e a preferência pela forma vocalizada.

Todavia, convém que tenhamos em mente que, se a análise isolada dessa restrição nos diz muito, não nos diz tudo. O cruzamento com a restrição contexto

fonológico precedente, que examinaremos a seguir, permite-nos uma melhor avaliação do que efetivamente ocorre.

Tabela 3. Atuação do fator “anos de escolarização”.

Tempo de escolaridade	APL./Total	%	Peso relativo
Nenhum ano	552/773	71	.22
5 a 8 anos	1.135/1.322	86	.53
+ de 11 anos	1.422/1.597	89	.63

O fator “contexto fonológico precedente”

O contexto fonológico precedente, preenchido, no caso, por vogal, foi, como vimos, a restrição selecionada pelo VARBRUL como a mais significativa de todas.

A observação dos resultados apresentados na Tabela 4, nos leva a concluir que a variante vocalizada é selecionada quando a vogal que precede a lateral é baixa [a], ou anterior [i, e]. O zero fonético apresenta resultados mais significativos quando a vogal que antecede a lateral é posterior, principalmente se ela for alta. Esse resultado, cumpre-nos dizer, ratifica o obtido por Teixeira (1995).

Tabela 4. Atuação do “contexto fonológico precedente”.

Vogal precedente	APL./Total	%	Peso relativo
Vogal -u- “azul”, “pulso”	113/272	42	.06
Vogal -o- “toldo”	122/221	55	.10
Vogal -ó- “anzol”, “pólvora”	208/289	72	.23
Vogal -i- “anil”, “silvo”	217/245	89	.53
Vogal -e- “papel”, “possível”	403/446	90	.60
Vogal -a- “jornal”, “alto”	2.046/2.219	92	.66

Uma explicação bastante plausível para tais resultados encontra respaldo no Princípio de Saliência Fônica, postulado por Naro e Lemle (1977, p. 259-268), segundo o qual, as formas mais salientes – e, por conseguinte, as mais perceptíveis –, são as que têm maior probabilidade de serem mais marcadas do que as menos salientes.

Considerando a relação que existe entre a lateral vocalizada [w] e o quadro de vogais apresentado em Câmara Jr. (1977, p. 33), reproduzido a seguir, defendemos a idéia de que o grau de saliência aumenta à medida que passamos da vogal posterior alta [u] para as vogais não posteriores.

/i/	/u/
/e/	/o/
/ɛ/	/ɔ/
/a/	

Figura 1. Quadro de vogais tônicas do português.

Fonte: Câmara Jr. (1977).

Os resultados quantitativos relativos ao grau de elevação das vogais nos mostram que a vogal baixa [a] é, em relação a lateral semivocalizada [w], a mais usada (.66), enquanto a vogal alta [u] é a menos usada. Uma realização do tipo [uw] não é aceitável na nossa língua, isto porque geraria um ditongo mal-formado.

Caso consideremos as vogais em sua classificação quanto à localização (anterior, posterior e central), constatamos que as anteriores favorecem mais a vocalização (.53, para [i] e .60, para [e]), ao contrário das posteriores, em que temos .23 para [ɔ] e .10 para [o]). Em (4), elencamos alguns exemplos que ratificam o contexto das vogais.

- (4) a – azu[Ø], cu[Ø]pa
 b – anzo[w] ~ anzo[Ø], to[w]do ~ to[Ø]do
 c – pape[w] ~ pape[Ø], rebe[w]de ~ *rebe[Ø]de
 d – funi[w] ~ funi[Ø], si[w]vo ~ *si[Ø]vo
 e – jorna[w] ~ jorna[Ø], ca[w]do ~ *ca[Ø]do

Embora o apagamento da lateral em posição final possa atingir qualquer uma das vogais que preenchem o contexto fonológico precedente, ele será estigmatizado entre as pessoas escolarizadas, exceto se essa vogal for [u]. Em interior de palavra, o apagamento só ocorre se o contexto fonológico precedente for uma vogal posterior, incluindo a vogal [o]. O mesmo não acontece com as demais vogais, que resultarão em itens mal-formados (aqui marcados por asterisco). Na Tabela 5, podemos ter uma idéia melhor dos resultados aqui comentados.

Tabela 5. Resultados do cruzamento entre “anos de escolarização” e “contexto fonológico precedente”.

Exemplos	Escolaridade					
	Nenhum ano		5 a 8 anos		+ de 11 anos	
	APL./Total	%	APL./Total	%	APL./Total	%
“azul, pulso”	9/32	28	35/94	37	69/146	47
“toldo”	20/50	40	57/106	54	45/65	69
“anzol, pólvora”	49/99	49	88/107	82	71/83	86
“anil, silvo”	76/97	78	98/104	94	229/245	93
“papel, possível”	33/48	69	71/81	88	113/116	97
“jornal”	365/447	82	786/830	95	895/942	95

Os resultados observados na Tabela 5 – relativos à vocalização da lateral – mostram claramente que os falantes analfabetos utilizam o zero fonético com mais freqüência do que os falantes escolarizados. Podemos observar a diferença entre os percentuais em todos os contextos. Os dados revelam que os contextos

mais salientes, ou seja, aqueles que apresentam vogais não posteriores, são os mais favorecidos pela presença da lateral vocalizada.

O fator “extensão da palavra”

Os resultados transcritos na Tabela 6, demonstram-nos que são as palavras com menos massa fônica que favorecem a vocalização da lateral. Assim, palavras monossilábicas (.52) e dissilábicas (.58) inibem o apagamento, ao contrário das polissilábicas (.41) e das trissilábicas (.45), que o condicionam:

Tabela 6. Atuação do fator “extensão do vocábulo”.

Nível de extensão	APL./Total	%	Peso relativo
Polissílabo “analfabeto”	571/706	81	.41
Trissílabo “carnaval”	1.041/1.291	81	.45
Monossílabo “mal”	188/230	82	.52
Dissílabo “funil”	1.309/1.465	89	.58

O fator “tonicidade silábica”

O grau de atuação do fator acento em relação à vocalização ratifica resultados obtidos, por exemplo, no Rio Grande do Sul (cf. QUEDNAU, 1993, p. 47-48). A lateral em posição tônica, sob a forma vocalizada, tem maior probabilidade de ser preservada (.56) do que nas posições pretônica (.46) e postônica (.28), como podemos constatar na Tabela 7.

Tabela 7. Atuação do fator “tonicidade silábica”.

Posição do acento	APL./Total	%	Peso relativo
Postônico “difícil”	999/1.289	78	.28
Pretônico “alguma”	278/329	84	.46
Tônico “jornal”, “asfalto”	1.832/2.074	88	.56

Pelo que podemos observar na Tabela 7, a posição postônica, por ser a mais débil das três, é a que mais favorece o apagamento da lateral – o que confirma a seguinte observação de Câmara Jr. (1977): “No registro formal da pronúncia padrão do português do Brasil, há a rigor uma pauta acentual para cada vocábulo. As sílabas pretônicas, antes do acento, são menos débeis do que as postônicas, depois do acento” (p. 53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme nos foi dado ver neste estudo, os dados obtidos na cidade de João Pessoa evidenciam, claramente, a preferência pela forma vocalizada – [w] – da lateral, em detrimento das demais – o que acaba ratificando o quadro relativo a outras capitais brasileiras, dentre as quais, Porto Alegre, onde se registra apenas o uso dessa variante, principalmente, na fala de idosos.

A realização das duas variantes encontradas em João Pessoa – vocalização da lateral e zero fonético – é condicionada, sobretudo, pela co-atuação de dois tipos de condicionantes: o contexto fonológico precedente e os anos de escolarização. Enquanto a vocalização da lateral se configura como norma (fato observado em todo o país), o zero fonético, recorrente entre falantes com menos anos de escolarização, só é encontrado entre usuários com mais anos de escolarização se o contexto fonológico precedente for preenchido pela vogal homorgânica [u] – visto que a vocalização da lateral torna-a muito pouco saliente. Essas constatações finais servem, pois, para corroborar as hipóteses que aventamos no início da pesquisa e que apresentamos na seção introdutória deste artigo.

O processo de vocalização da lateral, como pudemos ver, não é exclusivo do português e também não é recente, uma vez que fora atestado em fases de evolução do latim para as línguas românicas. Todos os trabalhos relativos ao português que consultamos nos dão ciência de sua disseminação – cada vez mais forte – entre os diferentes falares brasileiros.

Todavia, cumpre ressaltar que nenhum dos autores estudados, com exceção de Callou, Leite e Moraes (1998), identifica essa alteração como um caso de mudança – o que nos leva a intuir que tal processo corresponde a uma tendência à mudança, a ser ratificada ou não em estudos futuros.

Abstract

The Brazilian Portuguese lateral coda maintains the same variable feature in different dialects. This paper presents a study of lateral variation in the João Pessoa community, using data gathered from a variety of sources, but mainly from the Linguistic Variation Project of Paraíba (VALPB). This study, which is founded on Labov's proposals, considers most significant the social and structural restrictions VARBRUL selected for the application of the vocalization rule. These restrictions are considered the most general, in accordance with other studies analyzed.

Key words: Liquids; Quantitative sociolinguistics; Variation theory.

Referências

- ALLEN, W. Sidney. **Accent and rhythm: prosodic features of Latin and Greek: a study in theory and reconstruction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.
- ANDRADE, Elton Jones Barbosa. **Relatório final sobre o apagamento do /l/ em posição de coda**. João Pessoa: UFPB, 2004.
- BAILEY, Guy. Real and apparent time. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. **A ditongação no português do Brasil**. Comunicação apresentada ao XXII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes. Bruxelles, Université Libre de Bruxelles, 1998.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.
- COSTA, Cristine Ferreira. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB**, 2003. 129f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.
- DEMASI, Maria do Socorro. O –l pós-vocálico na fala culta do Rio de Janeiro. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- DICKEY, Laura Walsh. **The phonology of liquids**. Amherst: GLSA, 1997.
- ESPIGA, J. W. R. **Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, 1997.
- ESPIGA, J. W. R. A lateral posvocálica na fronteira dos Campos Neutrais: estudo sociolingüístico da regra telescópica nos dialetos de Chuí e Santa Vitória do Palmar. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 127, p. 26-49, 2002.
- HORA, Dermeval da. **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: UFPB, versão em CD, 2005.
- LABOV, William. **The social stratification of English in New York city**. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LADEFOGED, Peter. **A phonetic study of West African languages**. Cambridge: Uhe University Press, 1964.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world's languages**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- LAUSBERG, Heinrich. **Lingüística românica**. Rio de Janeiro: Editora Padrão, 1974.

- MADDIESON, Ian. **Patterns of sounds**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste** (Alagoas e Pernambuco). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.
- NARO, Anthony J.; LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. **Ciência e Cultura**, v. 29, n. 3, p. 259-268, 1977.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975.
- PINTZUK, Susan. **VARBRUL programs**. 1988. mimeo.
- QUANDT, Vivian de Oliveira. **O comportamento da lateral anterior na fala do norte-noroeste fluminense**, 2004. 178f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- QUEDNAU, Laura. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear**, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- SÊCCO, Glacy C. **O /l/ implosivo na linguagem pontagrossense**, 1977. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- SILVA NETO, Serafim. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- TASCA, Maria. **A lateral em coda silábica no Sul do Brasil**, 1999. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- TEIXEIRA, Eliana Pitombo. Variação fonológica na região de Monte Santo: a consoantes /l/. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 17, p. 59-68, 1995.
- TEIXEIRA, J. A. O falar mineiro. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**, São Paulo, n. 4, p. 45-110, 1938.
- UCLA. **Phonological Segment Inventory Database (UPSID)**. UCLA, 1992.